



Investigadores:
Mary Bouquet e Jorge de Freitas Branco

sob o patrocínio do
Instituto de Investigação Científica Tropical
Museu de Etnologia de Lisboa

Montagem:
Eglantina Monteiro e
Paulo Providência

Produção:
Centro Regional de Artes Tradicionais

Som:
Luís Monteiro / etnomusicólogo



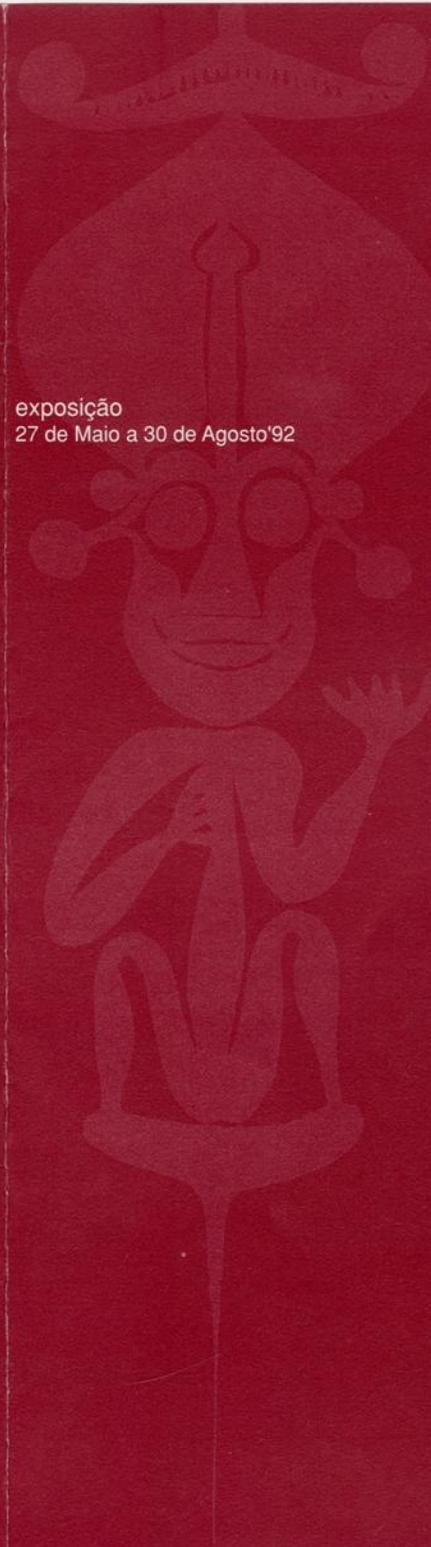
Centro Regional de Artes Tradicionais

Horário:
de Terça-feira a Domingo
das 13:00h às 19:00h

Visitas guiadas sob marcação.
Telefone 02 32 02 01

Apoios:
Câmara Municipal do Porto
Reitoria da Universidade do Porto
Público
Rádio Nova

exposição
27 de Maio a 30 de Agosto'92



ARTEFACTOS MELANÉSIOS
reflexões pós-modernistas

A Colecção

Constituindo património da Universidade do Porto desde há várias décadas, a colecção etnográfica da Melanésia, agora apresentada ao público (pela primeira vez no Museu de Etnologia de Lisboa em 1988), só em fase recente foi submetida a estudo. No começo da investigação existiam unicamente alguns dados incertos, quando muito susceptíveis de serem encarados como meras hipóteses sobre a sua origem e a sua chegada a Portugal. Um inventário com duas cotas para cada peça, a respectiva designação e procedência geográfica eram os elementos escritos disponíveis. Aos objectos estavam apenas etiquetas. Confrontando os suportes de informação, foi possível verificar nalguns artefactos a existência de uma segunda etiqueta, preenchida a lápis, quase apagada pelo tempo transcorrido. Decifradas a custo, obteve-se um conjunto de indicações redigidas em alemão, que se reportavam a expedições, a exploradores, a proveniências geográficas ou simplesmente a números. A primeira conclusão tirada foi a de relacionar a colecção com a Alemanha, sendo legítimo supor que tivesse entrado em Portugal durante Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Contudo, buscas sistemáticas nos arquivos com espólio desta época revelar-se-iam inconclusivas. Atendendo à cronologia das missões científicas, tornou-se plausível fazer incidir as suspeitas sobre o Museu de Etnologia de Berlim, visto ele figurar como patrocinador de quase de todas as campanhas ligadas a recolhas etnográficas. O estudo dos catálogos descritivos editados por este organismo não só veio confirmar esta suposição, na medida em que o sistema de

inventariação era o mesmo, como permitiu encaixar as cotas da Faculdade de Letras nas séries do importante espólio da Melanésia nele existente. A leitura de um artigo publicado em 1911 na revista do Museu, o Baessler-Archiv, dissiparia definitivamente quaisquer outras dúvidas. Uma das peças apresentadas e discutidas - a máscara Yimar - é a que integra a colecção do Porto, conforme se pode confirmar através da cota. Este artefacto transformou-se assim na mascote do presente projecto de pesquisa etnomuseológica e da própria exposição, daí merecer figurar na capa do catálogo e no cartaz. O diálogo encetado com as peças etnográficas retirou-as de um sono profundo e do entorpecimento. Faltava reencontrar o passaporte que acompanhara na viagem de Berlim a Portugal e restituir-lhes o bilhete de identidade legitimadora do seu aporuguesamento na Universidade do Porto. Se na fase preliminar da pesquisa se havia transitado dos arquivos para os artefactos, impunha-se neste momento inverter o percurso. A documentação encontrada é inequívoca. A colecção melanésia chegou em Janeiro de 1927 ao Porto, fazendo parte de uma remessa de peças repetidas existentes nos diversos departamentos dos Museus de Berlim. Em Julho do ano anterior, o Governo Português havia autorizado o repatriamento para a capital alemã de uma grande colecção arqueológica assíria de excepcional importância científica - o resultado de dez anos de escavações da Mesopotâmia - e que quando da entrada de Portugal na Guerra (1916), se encontrava a bordo de um vapor apressado no porto de Lisboa. Os artefactos melanésios constituem uma pequena parcela dos termos acordados para a troca.

A Exposição

As zonas de onde provêm os artefactos estão aproximadamente a uma distância que vai de Lisboa a Paris. No extremo ocidente está a bacia de Humboldt, na costa norte da Nova Guiné e a leste está Buin, nas ilhas Salomão; e que distam 150 Km. Ambas fazem parte da Melanésia, mas a diversidade social e linguística, (de combinação com a fragmentação política anterior ao contacto europeu), significa que esta região não é nada homogénea do ponto de vista cultural. Os objectos foram recolhidos durante a pré-história da etnografia, precisamente antes de Richard Thurnwald e Bronislawski Malinowski terem rompido com a tradição, ao levarem a cabo trabalho de campo durante largos períodos de tempo, o que viria a revolucionar o estudo de "outras culturas". Assim, a exposição negligencia uma descrição grupo a grupo dos povos que fizeram os artefactos e a quem foram retirados. A disposição adoptada para os artefactos é simbólica, no sentido em que é a construção de um itinerário. Uma vez que estão fora do tempo e espaço próprios, tem de se construir uma ordem especial. Os artefactos estão divididos em quatro secções, a saber: género e ornamento; casas de cerimónia e habitação; máscaras e imagens; apetrechos de guerra. A dicotomia masculino / feminino parece ser o traço mais relevante das diferentes culturas melanésias e que aqui se procura evidenciar: o *ethos* feminino descrito como sendo alegre e cooperante e o *ethos* masculino prendendo-se com o orgulho com um relevo contínuo dado às suas actividades violentas e dramáticas. Mas a teatralidade requer um público apreciador e este é composto de mulheres, que estão excluídas dos complicados

preparativos a estas representações. Contudo, o *ethos* feminino tem um carácter dual: levam a cabo as tarefas necessárias calmamente e em privado, mas em outras ocasiões participam em exposições, desfilando pública e orgulhosamente perante uma audiência heterogénea, completamente decoradas e usando adornos em princípio reservados aos homens. Deste modo, as mulheres também partilham do *ethos* do homem, e as personalidades fortes e corajosas constituem, para os homens fonte de admiração e, possivelmente, até de medo. Mas, para além da questão do género, a ancestralidade é também uma componente essencial da identidade pessoal e social dos Melanésios. Contudo, não são todos os mortos que são ancestralizados. Só os *homens grandes*, os *chamans*, os inimigos mortos em guerra ou ainda outras figuras muito especiais é que têm, também uma vez mortos, um tratamento particular, que envolve a manipulação do cadáver com particular relevo para a cabeça. São estes, os ancestrais, que interferem de uma forma decisiva na vida da sociedade. São eles que são evocados nos momentos de crise, quer dizer, nos momentos de mudança; no nascimento, na morte, nas iniciações, nas cerimónias ligadas à guerra, à caça ou à pesca. Na Melanésia a morte não é o limite da vida. A morte, tal como a própria vida, é um longo e lento processo, que depende do sexo, da idade, da actividade e da hierarquia social do indivíduo; na morte os homens nascem e transformam-se.

Conferências

colecções / exposições
28 Maio / 21:30h.

**antropologia física /
antropologia social e
cultural / arqueologia**
5 Junho / 21:30h.

antropologia e estética
11 Junho / 21:30h.

Jorge Freitas Branco

I.S.C.T.E. / Antropologia
"Colecções: Contextos Europeus anos 20"

Mary Bouquet

Museum of Natural History Leiden /
Holanda
"Contextos e discursos: As nossas imagens dos artefactos da Melanésia, nos anos 90, na Europa Ocidental"

António Amorim

Instituto de Antropologia / U.P.
"Morte de uma Antropologia"

João Pina Cabral

I.S.C.S. / U.L.
"Antropologia: A história de um rótulo disciplinar"

Victor Oliveira Jorge

Faculdade de Letras / U.P.
"O olhar do arqueólogo / desde os anos 20 aos 90"

Eglantina Monteiro

E.S.B.A.P.
"O Museu de Tikopia: reflexões a partir dos dados de Raymond Firth, em torno dos processos de descontextualização dos objectos"

J. António Fernandes Dias

E.S.B.A.L. / U.L.
"Repensar o estético nas actividades artísticas"